

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A memória na história: a Sociedade Capistrano de Abreu e as estratégias de consagração de seu patrono na historiografia brasileira (1927-1969)

Ítala Byanca Morais da Silva¹

Resumo: Quando da criação da Academia Brasileira de Letras, o historiador Capistrano de Abreu (1853-1927) recusou participar do seletivo grupo que constituiu os primeiros imortais das letras nacionais. Alegando ser avesso a instituições com essas características e acreditando que a sociedade humana já seria mais que suficiente para suas relações de sociabilidade, Capistrano se distanciou em vida desses ambientes intelectuais e de legitimação. Contudo, alguns dias após a sua morte, ele recebeu como homenagem uma sociedade com seu nome e com o fim deliberado de preservar a sua memória. Dessa forma, esta comunicação tem o objetivo de discutir as representações e estratégias de consagração utilizadas pela Sociedade Capistrano de Abreu (1927-1969) para garantir a memória de seu patrono como um dos principais historiadores brasileiros.

Palavras-chave: Sociedade Capistrano de Abreu; historiografia; memória.

Resumé: Quand de la création de l'Académie Brésilienne de Lettres, l'historien Capistrano de Abreu (1853-1927) a refusé participer du choisi groupe qu'a constitué les premières immortels des lettres nationales. Il a allégué être contraire à les institutions avec ces caractéristiques et croire que la société des hommes déjà était suffisant pour ses relation de sociabilité. Caspistrano s' est éloigné pendant sa vie de ces ambiances intellectuels et de l'égitimation. Toutefois, quelques jours après sa mort, il a reçu comme hommage une société avec son non et avec le fin délibéré de préserver sa memoire. Ainsi, cette communication a la finalité de discuter les représentations e les stratégies de consécration lesquelles la Société Capistrano de Abreu (1927-1969) se est servie pour assurer la memoire de son patron comme un des principaux historiens brésiliens.

Mot-clé: Sociedade Capistrano de Abreu; historiographie; memoire.

Há quem afirme que a amizade seja o maior bem que os seres humanos podem adquirir em vida. Se dermos crédito a essa afirmação, poderemos considerar que a “pobreza” financeira do historiador Capistrano de Abreu (1853-1927) se reverteu em um grande tesouro, seus amigos. Nas relações do historiador estavam tanto índios, os quais trazia das regiões norte e centro-oeste do Brasil e que eram as principais fontes dos seus trabalhos etnográficos, bem como políticos e intelectuais. São exemplos João Pandiá Calógeras, Assis Brasil, Paulo Prado, Afonso de Taunay, Rodolfo Garcia, Roquete Pinto, Assis Chateaubriand, Miguel Couto, Graça Aranha e Conde de Afonso Celso, todos personagens importantes e atuantes durante os últimos anos do Império e início da República.

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Técnica da 2ª Superintendência PA/AP-IPHAN.

Foram esses amigos, discípulos, ou apenas admiradores de Capistrano de Abreu que se reuniram no local onde morava o historiador, um velho porão no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro, para acompanhar os últimos dias daquele a quem chamavam “o bom amigo e mestre Capistrano de Abreu”, permanecendo junto a Capistrano até o dia da sua morte, em 13 de agosto de 1927.

Capistrano de Abreu nasceu no Ceará em 23 de outubro de 1853, realizando seus estudos secundários em escolas desta província. Em 1869, o futuro historiador migrou para cidade do Recife com o objetivo de realizar o exame de seleção da Faculdade de Direito. Como era costume entre a sociedade imperial, a família de Capistrano deveria ver no seu ingresso nessa instituição de ensino a melhor oportunidade de ascensão social e econômica para o jovem. Contudo, Capistrano foi reprovado nos testes, o que lhe casou alguns problemas familiares.

Apesar da reprovação, Capistrano não se manteve distante do mundo das letras, o que lhe permitiu conhecer o escritor e político José de Alencar (1829-1877), para o qual realizou algumas pesquisas. Satisfeito com o trabalho realizado, o autor de *Iracema* ofereceu uma carta de recomendação a Capistrano de Abreu. Oferta fundamental para o então jovem desconhecido que aportou 1874 na cidade do Rio de Janeiro em busca de oportunidades e desprovido de um sobrenome de prestígio e do diploma de bacharel em Direito. Rapidamente Capistrano de Abreu conseguiu vaga de colaborador em jornais, resenhista e crítico na Livraria Garnier, professor de português e francês no Externato Aquino, Oficial da Biblioteca Nacional, e por fim, professor do Imperial Colégio Dom Pedro II, chegando inclusive a sócio da maior instância de consagração de um historiador nesse período, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A maioria da população ignora quem foi Capistrano de Abreu. Na verdade, só um grupo muito especializado de historiadores e cientistas sociais conhece a sua obra. Autor de estudos que variaram da crítica literária à lingüística indígena, Capistrano é comumente lembrado como o autor do livro *Capítulos de História Colonial* (1907), publicação sobre história do Brasil considerada por muitos críticos como um livro de referência na produção historiográfica nacional. Contudo, esse não era o objetivo da Sociedade Capistrano de Abreu (1927-1969), ou pelo menos, não completamente.

Criada após a morte de Capistrano, essa sociedade teve como principal missão torná-lo uma figura referencial não apenas entre aqueles que escreviam e escrevem a História do Brasil, mas também para os cidadãos comuns, pois eles deveriam ver Capistrano de Abreu como um exemplo de “grande homem” e seus textos como uma narrativa exemplar sobre a

História do Brasil.

Os sócios da Sociedade foram rápidos ao iniciar a missão de tornar Capistrano de Abreu uma personagem memorável. Segundo Eugênio de Castro, sócio fundador do grêmio, a idéia da criação da instituição foi divulgada e compartilhada pelos amigos de Capistrano antes mesmo do seu falecimento. Foi atribuída a Paulo Prado (1869-1943) – historiador e mecenas da Semana de Arte Moderna de 1922 – a idéia da criação da sociedade. Paulo Prado afirmava que Capistrano de Abreu teria guiado os estudos de muitos intelectuais, muitas vezes, lembrando de Capistrano como “mestre paternal dos que estudavam e escreviam”. A proposta foi a de se criar uma instituição que promovesse um culto, quase religioso, à memória de Capistrano de Abreu mesmo depois da sua morte física, possibilitando ao historiador, nas palavras do ministro João Pandiá Calógeras (1870-1934), “vencer a própria morte”.

Como já foi afirmado, a Sociedade agiu rapidamente. Os preparativos e investimentos para “eternizar” Capistrano de Abreu se iniciaram com o próprio velório do historiador. A escolha do porão onde Capistrano morava como o lugar do velório corresponde diretamente à imagem que os sócios da sociedade construíram para o historiador. Capistrano deveria ser velado cercado por seus livros, dentro da sua “oficina mental” e próximo aos seus instrumentos de trabalho. Para os sócios, perecer entre os livros seria a melhor forma de representar Capistrano de Abreu.

Um segundo aspecto também está relacionado à escolha de velar Capistrano no porão, a simplicidade. Nos necrológicos e biografias dos sócios da Sociedade sobre Capistrano, figuram características como modéstia, despretensão social, simplicidade na forma de viver, um desleixo que muitas vezes atingiria até o seu vestuário. Era como se Capistrano devesse ser lembrado como o paradoxo entre o homem de gestos simples, “o sertanejo acaboclado” que lia deitado na rede e o erudito possuidor de uma capacidade intelectual surpreendente, “um gigante da inteligência e da bondade”, segundo o ministro Calógeras.



IMAGEM 01 – Rede de Capistrano de Abreu depositada no Museu do Ceará (Ceará/Brasil, 2007)

O cortejo seguiu até o cemitério São João Batista em Botafogo, os jornais da época anunciavam com pesar a morte do “historiador nacional”. Porém, o que mais parecia chamar atenção dos cronistas da sociedade carioca era a presença dos índios que moravam com Capistrano e que revezavam as alças do caixão com ministros, embaixadores, banqueiros, condes e aristocratas durante a condução do corpo ao cemitério. A população também seguiu curiosa o cortejo. Afinal, não eram todos os dias que personagens importantes da política e cultura nacionais, acompanhados de suas famílias, caminhavam a pé, dispensando carros fúnebres, para conduzir aquele a quem chamavam de “mestre-amigo”.

Passados 10 dias da morte de Capistrano, os sócios fundadores da Sociedade enviaram cartas-convite a outros intelectuais e políticos os convidando para comparecer à sessão de instauração da Sociedade Capistrano de Abreu a ser realizada no dia 11 de setembro de 1927, novamente no porão em Botafogo. O porão localizado na travessa Honorina, n.45, sempre despertou um fascínio entre os admiradores do historiador. Tanto que a Sociedade escolheu como sede este mesmo porão, mantendo a organização deixada por Capistrano, no que se destaca a presença da rede sempre armada próxima à escrivaninha e aos livros. Também não podemos deixar de chamar atenção para os sócios que atenderam ao convite e se filiaram à Sociedade, como Mário de Andrade e o futuro presidente Washington Luís, e os estrangeiros Franz Boas, H. G. Wells e Paul Rivet.



IMAGEM 02 – Inauguração da Sociedade Capistrano de Abreu. À direita pode ser observada a rede do historiador, bem como atrás dos sócios as estantes de livros, preservando assim, o ambiente deixado por Capistrano de Abreu. (Rio de Janeiro/Brasil, 1927). Fonte: Museu do Ceará.



IMAGEM 03 – Inauguração da Sociedade Capistrano de Abreu. Foto da fachada da casa onde faleceu Capistrano de Abreu e sede da instituição. (Rio de Janeiro/Brasil, 1927). Fonte: Instituto do Ceará.

A inauguração da Sociedade foi um momento de comemoração, de lembrar em comunidade. Além da apresentação dos estatutos, descerramento da placa de bronze a ser exposta na fachada da sede e dos discursos em homenagem ao morto, realizou-se a inauguração da Rua Capistrano de Abreu em substituição à antiga travessa Honorina com a presença de representantes do Governo do Distrito Federal, a oferta por parte do etnógrafo e Diretor do Museu Nacional Roquette Pinto (1884-1954) de uma pintura à óleo de Capistrano de Abreu para decorar o saguão da Sociedade, e a realização de missas e cortejos. Para os sócios era como se através desses atos Capistrano de Abreu novamente se fizesse presente. Não foi por acaso que a Sociedade escolheu o dia 23 de outubro, data do nascimento de Capistrano, para as suas reuniões anuais, comemorando anualmente o renascimento do autor através de pequenos atos de presença.



IMAGEM 04 – Quadro à óleo de autoria desconhecida doado à SCA pelo sócio Edgard Roquette Pinto. (Rio de Janeiro/Brasil, 1927). Fonte: Instituto do Ceará

Na primeira Assembléia Geral da Sociedade, os sócios já começaram a colocar em prática as estratégias de consagração de Capistrano. Três projetos foram priorizados pelo grupo. O primeiro era a recuperação de objetos pessoais do historiador, no que se destacam: a reconstituição de sua biblioteca e a reunião das cartas enviadas por Capistrano de Abreu. O historiador era conhecido por doar seus livros já lidos e por ser um epistológrafo, assim, a Sociedade além de pedir que os amigos presenteados devolvessem os volumes e cartas, criou um plano de compra dos livros citados por Capistrano em seus textos.

A devolução das cartas fazia parte de um segundo projeto da Sociedade, a edição da obra completa de Capistrano. O grêmio se tornou o maior responsável pela divulgação dos artigos e livros do historiador. Em vida, Capistrano escreveu apenas três livros: *Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI* (1883), o já citado *Capítulos de História Colonial* (1907) e *rã-txa-hu-ni-ku-i, língua dos Caxinauás* (1914). A maioria de seus artigos estava dispersa por revistas e jornais. A Sociedade reuniu esses textos na série *Ensaios e Estudos* em 3 volumes, e na construção do livro inédito *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, todos editados durante a década de 30. A Sociedade também distribuiu livros em escolas e criou edições populares a baixo custo.

O terceiro projeto da Sociedade correspondia à formação do que Paulo Prado chamou de uma “Escola Histórica” mobilizada para “melhor conhecer o Brasil”. Capistrano de Abreu era lembrado como fundador de uma nova forma de se escrever a história. No início do século passado, os intelectuais brasileiros se encontravam diante do avanço da modernidade, da industrialização, da urbanização, contudo, as mudanças nas formas de viver das capitais contrastavam com o completo desconhecimento do interior do Brasil e dos brasileiros que ali viviam. O sertão se abriu como um novo objeto de pesquisas. A Literatura

rapidamente tomou para si este novo espaço, e a escrita da história, que como o colonizador português, nas palavras do Frei Vicente de Salvador, ainda caminhava como os caranguejos, arranhando as costas no litoral, também promoveria este encontro com o interior do Brasil.

Foi envolvida nesse processo de “Descoberta do Brasil” que a Sociedade lançou os editais do *Prêmio Capistrano de Abreu*, cujas temáticas foram apontadas por Capistrano nos textos reunidos no livro *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*. A pergunta que motivava essas pesquisas era compreender como se deu a constituição territorial e cultural do Brasil, enfatizando a particularidades dos sertões. Os jesuítas, os bandeirantes, os índios, a geografia, as expedições dos colonizadores eram meios de conhecer a identidade nacional e os aspectos e agentes que a constituíram. As monografias vencedoras representam esses questionamentos: *Os companheiros de D. Francisco de Sousa* (1929) de Francisco de Assis C. Franco; *Anchieta na Capitania de São Vicente* (1929) de Alcântara Machado e *O Vale do São Francisco: ensaio de monografia geográfica* (1936) de Luiz Flores de M. Rego.

A Sociedade Capistrano de Abreu não esteve solitária em sua missão de preservar e construir a memória sobre um indivíduo. Muitas foram as instituições e eventos durante a República Velha (1889-1930) que se dedicaram a essa tarefa. O início da República foi palco de uma epidemia de heróis nacionais, e a construção da figura de Capistrano como um desses heróis estava relacionada à proposta de escrita da história do Brasil dos sócios da Sociedade.

O historiador era lembrado como o homem do interior e de ascendência indígena, segundo Calógeras, “um desconfiado tapuia transplantado para o meio civilizado” e que teria passado por uma “maravilhosa transformação” através dos livros, distanciando-se de um mundo de “barbárie”. Recuperar as formas como Capistrano deveria ser lembrado nos faz refletir sobre o processo de integração dos sertões e dos sertanejos na história do Brasil. Um processo de integração com critérios, nos quais a “civilização”, o ambiente urbano e de uma alta cultura letrada, teria que necessariamente subverter a “barbárie” dos sertões.

De uma forma mais específica, o culto a Capistrano de Abreu proporcionou o reconhecimento de um grupo específico de letrados, os historiadores. Devido à tardia instauração dos cursos superiores de História no Brasil, os intelectuais que se dedicavam às pesquisas históricas não eram reconhecidos por possuírem um diploma de bacharel em História, mas pelo respeito e a credibilidade conferida aos seus trabalhos por outros historiadores. Assim, a Sociedade Capistrano de Abreu era um desses pequenos lugares que precederam as universidades, onde os amantes da História do Brasil se reuniam para discuti-la, definir formas de narrativa e cultuar o “mestre” de seus estudos.

O projeto da Sociedade Capistrano de Abreu não possuiu o fim que os seus sócios planejaram. Após a morte dos seus maiores incentivadores, Paulo Prado, Eugênio de Castro e o Diretor da Biblioteca Nacional, Rodolfo Garcia (1873-1949), as atividades do grêmio entraram em declínio. Nem mesmo o centenário de nascimento de Capistrano de Abreu em 1953 conseguiu revitalizar a instituição; talvez porque os historiadores já possuíssem outros “mestres”, outras formas de escrever a história e outras formas de organização.

Mesmo assim, o historiador José Honório Rodrigues (1913-1987), que entrou ainda jovem na instituição, conseguiu cumprir a missão que a Sociedade se delegou de completar a publicação da obra do historiador, publicando o quarto volume da série *Ensaios e Estudos* e 3 volumes da *Correspondência de Capistrano de Abreu*, além de reeditar na década de 70 todos os volumes publicados. O que José Honório Rodrigues não conseguiu realizar foi a manutenção do grêmio. Através do livro de atas da Sociedade, podemos acompanhar as negociações do historiador com inúmeras instituições culturais do Rio de Janeiro que se recusaram a receber o acervo da Sociedade e de Capistrano de Abreu.

Somente a Universidade do Ceará se ofereceu para receber o acervo, financiando o traslado da documentação e do espólio de Capistrano em 1969 para o Ceará, e em seguida, o doando ao Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), que ainda hoje guarda essa documentação, nas quais se destacam as aproximadamente 500 correspondências ainda inéditas de Capistrano de Abreu e a sua biblioteca.

E assim, termina a história do porão da travessa Honorina em Botafogo, que depois de desocupado pela Sociedade Capistrano de Abreu foi demolido.

Referências Bibliográficas:

- ABREU, Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. 6 ed. (1 edição: 1907) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ABREU, Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. 4 ed. (1 edição: 1930) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- ABREU, Capistrano de. *O descobrimento do Brasil*. 2 ed. (1 edição 1929) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ABREU, Capistrano de. *ra-txa-hu-ni-ku-i, a língua dos Caxinauás*. 2 ed. (1 edição 1914) Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu/ Livraria Briguiet, 1941.
- ABREU, Capistrano de. *Ensaios e Estudos. Crítica e História*. 2 ed. (1 edição 1931) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- ABREU, João Capistrano de. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. 2.ed. (1 edição: 1954). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

- CASTRO, Eugênio de; GARCIA, Rodolfo. Sociedade Capistrano de Abreu. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, p.1-21,1928.
- ABREU, Regina. Entre a Nação e Alma: quando os mortos são comemorados. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.7, n.14, p.205-230, 1994.
- _____. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Lapa: Rocco, 1996.
- AMED, Fernando. As Edições das Obras de Capistrano de Abreu. *História Questões e Debates*, Curitiba, n. 32, p. 99-117, 2000.
- ARAÚJO, Ricardo B. Ronda noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.1. 1988, p.28-54.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 2003.
- BUFFAULT, Anne Vincent. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1996.
- CATROGA, Fernando. *O Céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Minerva, 1999.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.
- EL FAR, Alessandra. *A Encenação da Imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2000.
- GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. Niterói: Tese defendida no Programa de pós-graduação em história da Universidade Federal Fluminense, 2006.
- GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In. *História Cultural: Experiências de Pesquisa*. Sandra Jatay Pesavento. Porto Alegre: UFRGS Editora, p.09-24, 2003.
- PRADO, Paulo. Capistrano. In. _____. *Paulística, etc.* 4 ed. São Paulo: companhia das Letras, 2004, p.214-217.